

A novidade filosófica sobre a noção de realidade e sua relevância para a teologia contemporânea

*The philosophical news on the notion of reality and
its relevance to contemporary theology*

*João José Bezerra**

Resumo: O presente artigo tem como objetivo refletir o sentir como momento primordial do processo senciente no pensamento do filósofo Xavier Zubiri em sua trilogia filosófica *Inteligência Senciente* e a sua relevância para a teologia contemporânea. Na primeira parte da sua trilogia na qual trata sobre a *Inteligência e Realidade* dispomos de uma reflexão oportuna do autor sobre o sentir animal como momento primordial da apreensão senciente. Aqui procuraremos analisar os momentos essenciais e a estrutura formal do sentir como processos senciente para a construção da sua noção de realidade o que, por sua vez, torna-se um novo ponto de partida para a teologia que tem como objeto realidades ou as estruturas das realidades humanas como “locus” do agir de Deus. Partindo do “puro” sentir animal até o momento da formalização daquilo que foi sentido em apreensão primordial como constituição da realidade na qual Deus e o homem estão implantados.

Palavras-chave: Apreensão; Estrutura; Impressão; Formalidade; Sentir.

Abstract: This article aims to reflect on feeling as a primordial moment of the sentient process in the thinking of philosopher Xavier Zubiri in his philosophical work *Trilogia Intelligence Sentiente* and its relevance to contemporary theology. In the first part of his trilogy, which deals with *Intelligence and Reality*, we have a timely reflection by the author on animal feeling as a primordial moment of sentient apprehension. Here we will try to analyze the essential moments and the formal structure of feeling as sentient processes which, in turn, becomes a new starting point for theology whose object is realities or the structures of human realities as the “locus” of God's action. Starting from the “pure” feeling animal until the moment of formalization of what was felt in primordial apprehension as the constitution of reality in which God and man are implanted.

Key Words: Apprehension; Structure; Impression; Formality; Feeling.

1 Sentir e Inteligir como momento unitário e indizível

* Mestre pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP. Professor titular de Teologia Litúrgica e Sacramentos da Iniciação Cristã: Batismo e Confirmação na Faculdade de Teologia João Paulo II – FAJOPA. Mestre em Teologia Dogmática-Sacramentária pelo Pontifício Instituto Litúrgico Sant'Anselmo em Roma. Doutorando pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP.

E-mail: padrejoajose@hotmail.com

Xavier Zubiri em sua trilogia senciente propõe um estudo apurado e aprofundado do da intelecção humana. Nesse estudo busca compreender mais a fundo o que se trata formalmente a constituição do inteligir e do sentir. Na primeira parte da sua obra *Inteligência e Realidade* ao tratar a intelecção como ato da apreensão falando da dimensão intelectual e do sentir e suas distinções vai afirmar:

Os dois aspectos se distinguem neste caso não como tipos, mas como modos diferentes de apreensão. Para determinar, pois, a índole do inteligir, é preciso analisar antes de tudo, a diferença entre o inteligir e o sentir como diferença modal *dentro* da apreensão de um mesmo objeto: por exemplo a cor. (ZUBIRI, 2011, p. 8, grifo do autor).

Para Zubiri, no ato de apreensão de uma “coisa”¹ temos presente ao mesmo tempo o sentir e o inteligir como modos diferentes da intelecção em um único ato de apreensão. Para ele, o inteligir e o sentir são modos diferentes da apreensão. Poderíamos, sendo assim, dizer que no momento da apreensão o sentir apreende uma “coisa” de um modo diferente do momento do inteligir. Determinar essa diferença entre esses dois momentos e entendê-los como um único ato da intelecção é de fundamental importância para Zubiri. Por isso, vai trilhar o percurso árduo de definir e determinar a estrutura formal desses dois momentos: é o que vai possibilitar estabelecer não somente uma distinção entre esses dois modos de apreensão, mas ao mesmo tempo determinar qual é o ato próprio de cada um na intelecção humana. Ao tratar desse caráter unitário e indizível Flórez vai pontuar que o programa de Zubiri é explicar a inteligência como inteligência senciente:

Assim, aqui chegamos desta forma ao ponto de partida da filosofia de Zubiri, cujo programa de pesquisa é explicar a inteligência entendida como inteligência senciente (FLÓREZ, 1998, p. 21. trad. nossa).²

Para ele, a inteligência não é algo separado do sentir humano, mas um só ato inseparável por meio da qual se pode chegar ao conhecimento de uma “coisa” como de fato ela é em si mesma. Flórez ao tratar sobre a metafísica zubiriana e aristotélica, vai dizer que a inteligência senciente é o meio *diáfano* (transparente) pelo qual se chega imediatamente ao conhecimento

¹ Zubiri estabelece uma clara distinção daquilo que ele vai considerar como “coisa”, termo que será corrente em toda a sua trilogia senciente.

² Así pues, he aquí que llegamos de esta forma al punto de partida de la filosofía de Zubiri, cuyo programa de investigación es el de explicar la inteligencia entendida como inteligencia sentiente.

das coisas. A inteligência senciente é um ato da intelecção que se dá de modo imediato e intenso na medida em que se apreende de modo unitário uma coisa real. Uma determinada coisa real é apreendida sencientemente pelo simples fato de ser real e de “estar presente” na inteligência. Fica claro que as coisas reais não são determinadas pelo que eu posso conceituar ou afirmar sobre elas, mas sim pelo fato de estarem presente e somente por este motivo posso sentir as mesmas, conceituar ou afirmar algo. É o que Zubiri vai pontuar ao exemplificar falando que a apreensão sensível e a apreensão intelectual possuem o mesmo objeto: “Eu sinto a cor e inteliço também o que é essa cor”. (ZUBIRI, 2011, p. 8). Não são dois atos separados como se pensava a filosofia clássica, mas um único ato, ou seja, ao mesmo tempo que sinto também inteliço o que essa cor é de fato. Para Zubiri, o conhecimento de algo em realidade depende desses dois momentos unitários. Somente a partir da unidade desses dois momentos e dos seus momentos estruturais e constitutivos que se pode dizer algo sobre alguma coisa.

Na sua investigação filosófica Zubiri busca compreender essa estrutura interna em seus momentos essenciais e constitutivos. Sobre os três momentos essenciais do sentir enquanto processo, Zubiri vai afirmar: “Por conseguinte, sentir é um processo. Esse processo senciente é *estritamente unitário*: consiste na unidade intrínseca e radical, na unidade indissolúvel de seus três momentos, de suscitação, de modificação tônica e de resposta”. (ZUBIRI, 2011, p. 13, grifo do autor). Para nosso autor, essa unidade constitui o específico da animalidade, ou seja, é um processo que é comum a todos os animais. No entanto, o animal, sente alguma coisa porque “algo” o suscita, algo provoca uma mudança tônica e uma resposta ao mesmo tempo. Apesar de parecer meio que “embaraçoso” em um primeiro olhar é preciso entender o sentir como um processo unitário e indissolúvel porque o sentir é ao mesmo tempo em um só ato suscitação, modificação e resposta.

Ruiz, buscando uma distinção em entre o sentir e o sentimento nos dá indicações sutis também para entender de um modo mais profundo o sentir enquanto tal nos animais e seus momentos constitutivos:

Sentir é um processo que tem a sua vez três momentos essenciais: momento suscitação, enquanto desencadeador de uma ação; momento de modificação tônica, na qual uma estrutura é alterada; e finalmente o momento da resposta, o que é um momento de ação: ação que pode até consistir em não fazer nada. Este processo de sentir não é apenas uma atividade fisiológica, mas é o processo que constitui a vida de uma certa maneira todo o animal, e do homem em boa parte. (RUIZ, 1998, p. 39).³

³ “El sentir es un proceso que tiene a su vez tres momentos esenciales: momento de suscitación, en cuanto desencadenante de una acción; momento de modificación tónica, en el que se altera una estructura; y, finalmente,

Para Ruiz, o sentir é um processo que constitui a vida inteira do animal, e os três momentos essenciais caracterizam a totalidade da vida do animal ou o que ele vai chamar de faculdades ou aberturas para ser mais. Por isso, se pode dizer que o sentir animal resume a vida inteira do animal e como ele reage de frente a “algo” que se pode conhecer. Ruiz vai caracterizar esse sentir da animalidade presente no homem como uma peculiaridade que lhe é própria ou o que ele define como um *afan* do homem para conhecer algo ou para situar-se no mundo. Esse situar-se no mundo implica a totalidade do animal inteiro. Por esta via do pensamento de Ruiz acerca do sentir e do sentimento, podemos definir melhor o que se pode entender por esses momentos essenciais.

Este desejo de saber torna-se paixão, isto é: desejo intenso e contínuo, que responde à nossa confirmação como seres pensantes que abrem o caminho. As faculdades que acontecem a um ser são aberturas para possibilidades de ser mais; Assim, por exemplo: o fato de certos sentidos serem dados em um animal, possibilitam o movimento locomotor e outra forma de reunir alimentos e estar no mundo. No homem, o que chamamos de inteligência, dá poder para ser mais; isto é percebido pelo artista com especial clareza: “A paixão pelo conhecimento (e devemos acrescentar: e a da justiça) é inerente ao artista completo”. (RUIZ, 1998, p. 39).⁴

Vale a pena destacar o que diz Ruiz sobre essas faculdades que acontecem a um determinado ser. Os certos sentidos dados a um determinado animal são abertura de possibilidades para serem mais. Sendo, assim, o momento de suscitação, de modificação tônica presente nos animais ou animal homem⁵ são possibilidades de abertura para ser mais. Por sua vez, o animal homem diferente dos outros animais possui um poder a mais de perceber aquilo que foi sentido com maior clareza em relação aos outros animais. Esse poder que vai ser chamado inteligência. Zubiri aposta alto em afirmar que o sentir ou apreensão é comum

el momento de respuesta, que es un momento accional: acción que incluso puede consistir en no hacer nada. Este proceso del sentir no es tan sólo una actividad fisiológica, sino que es el proceso que constituye la vida en cierto modo entera del animal, y del hombre en buena parte”.

⁴ “Este afán por conocer llega a ser pasión, es decir: deseo intenso y continuo, que responde a nuestra conformación como seres pensantes abridores de camino. Las facultades que acontecen a un ser son aperturas a posibilidades de ser más; así, por ejemplo: el que se den determinados sentidos en un animal, posibilitan al movimiento locomotivo y otra manera de allegarse alimentos y de estar en el mundo. En el hombre, lo que llamamos inteligencia, facultades de ser más; esto lo percibe el artista con especial nitidez: “La pasión del conocimiento (y deberíamos poder añadir: y la de la justicia) está ínsita en el artista completo”.

⁵ Essa terminologia será corrente em suas obras para equiparar o homem às faculdades dos animais, mas ao mesmo tempo para distingui-lo do ponto de vista do seu processo intelectual.

tanto ao homem como ao animal, porém, o modo de impressão é distinto entre os dois. Zubiri vai dizer:

Como a apreensão sensível é comum ao homem e ao animal, parece que determinar a apreensão intelectual partindo da apreensão sensível seria partir do animal como fundamento da inteligência humana. Mas não se trata de partir do animal como fundamento, mas tão somente de esclarecer a inteligência humana contrastando-a com o “puro” sentir animal. (ZUBIRI, 2011, p. 8-9).

Tanto os animais como o animal homem possuem um elemento comum que não os distingue, mas os iguala em natureza, porém, o *afan* do homem e o desejo de situar-se no mundo o distingue de todos os outros. Da mesma forma, tanto nos animais como no animal homem estão presentes os elementos constitutivos do sentir como a suscitação a modificação tônica. Porém, o homem possui uma impressão completamente distinta da mesma coisa sentida e é justamente essa característica que dá ao homem o poder de ser mais. A impressão o que homem tem das coisas sentidas é diferente da impressão que um outro animal tem da mesma coisa. Para entendermos melhor essa questão, Ruiz nos ajuda afirmando o seguinte sobre o sentir como momento primordial da impressão.

Primeiramente apreendemos como simples apreensão em uma captação do presente: uma compreensão no que estou me dando conta do que é capturado e no primeiro momento do sentir. É importante destacar esta imaculada captação no sentir, fundamento de toda elaboração subsequente. Alexandre alude a esta primeira nudez de sentir: “O poeta que canta para a lua não canta para a lua: cante para a lua impressa na pupila humana”. (RUIZ, 1998, p. 39).⁶

Vejam como Ruiz coloca o sentir como momento primordial e fundamento da impressão. Só posso ter a impressão daquilo que é capturado no momento primordial do sentir. Como podemos ver é um momento e condição fundamental. Só posso ter a impressão de alguma coisa se essa me foi capturada pelo sentidos. Sem essa condição primordial, não se pode ter a impressão dessa coisa capturada e nem mesmo os momentos subsequentes: o que Zubiri posteriormente vai chamar de formalização. O sentir senciente vai da impressão que se imprime nas faculdades para a formalização. Do momento formal da impressão para o momento da formalidade dessa coisa formal que foi captada no momento primordial do sentir. É justamente

⁶ “Primeramente apreendemos como aprehensión simple en una captación de lo presente: una captación en la que me estoy dando cuenta de lo que está captado y en el primer momento del sentir. Es importante destacar esta prístina captación en el sentir, fundamento de toda elaboración posterior. Alexandre alude a esta primera desnudez del sentir: “El poeta que canta a la luna no canta a la luna: canta a la luna impresa en la pupila humana”.

nesse ponto de convergência entre o momento da impressão, o formalmente captado pelo sentir e o seu momento de formalização que podemos estabelecer a unidade intrínseca da impressão como um momento estrutural do sentir. Como já falamos anteriormente, a impressão é um momento determinante para a elaboração subsequente. Sendo assim, podemos individualizar a impressão e sua conexão nesse momento primordial. Zubiri afirma:

Perguntamo-nos, pois, em que consiste a estrutura da apreensão, precisa e formalmente enquanto senciente. Pois bem, a apreensão sensível consiste formalmente em ser apreensão *impressiva*. Aqui está o formalmente constitutivo do sentir: impressão. (ZUBIRI, 2011a, p. 14).

O sentir consiste formalmente em ser a apreensão *impressiva*. Para que possamos entender melhor essa relação intrínseca e o puro sentir animal coloquemos como exemplo o animal homem e os outros animais. Os animais podem sentir o fogo como quente, como luminosidade, etc e ao mesmo tempo nessa impressão que o fogo pode imprimir no animal medo, curiosidade, sensação térmica agradável ou não. No homem o fogo já pode imprimir as mesmas impressões dentre tantas outras, como por exemplo, perceber o ambiente iluminado e quente, sua funcionalidade culinária de cozimento, sua própria luminosidade. Por isso, a impressão não só determina e é o fundamento do sentir, mas determina os seus três momentos essenciais e constitutivos. Calvente vai dizer:

Zubiri parte da raiz senciente da apreensão: a atualização como impressão, comum ao animal e ao homem. A impressão exhibe como processo do sentir três momentos na apreensão: excitação, modificação tônica e resposta. No momento da excitação, podemos, por sua vez, descobrir três componentes estruturais: o momento de afeto, o da alteridade e da força de imposição dessa alteridade na apreensão. (CALVENTE, 1999, p. 79).⁷

É preciso notar que Calvente nos ajuda a entender bem o que é a impressão. Quando algo é imprimido no sentir temos três momentos particulares: excitação, modificação tônica e resposta. Por excitação Zubiri entende um momento de resposta ou um ato funcional propriamente as reações do animal como fugir, atacar, ficar parado; já a modificação tônica que é determinada pela suscitação trata-se de um momento endógeno do animais ou suas reações instintivas. Todo

⁷ “Zubiri parte de la raíz sentiente de la aprehensión: la actualización como impresión, 8 común al animal y al hombre. La impresión exhibe como proceso de sentir tres momentos en el aprehensor: suscitación, modificación tónica y respuesta.⁹ Dentro del momento de suscitación podemos a su vez descubrir tres componentes estructurales: el momento de afección, el de alteridad y el de fuerza de imposición de esa alteridad en la aprehensión”.

o tónus vital do animal fica alterado, como por exemplo, quando este se depara com uma presa, uma situação de perigo ou de necessidade de alimentar-se. O momento de resposta pode ser variada de acordo com aquilo que foi suscitado e provocou uma determinada modificação tónica, como por exemplo, a apreensão de uma presa. Por sua vez, dentro do momento de excitação temos três momentos constitutivos: afeição, alteridade e força de imposição. Espinosa nos ajuda a entender melhor esses elementos constitutivos no momento do sentir em três aspectos fundamentais.

1º A impressão é antes de tudo afeição do senciente pelo que se sente. As cores, os sons, a temperatura interna do animal, etc. [Essas qualidades são exemplos de notas], elas afetam o senciente. 2ª Impressão é a apresentação de outra coisa na afeição. É alteridade no afeto. Este 'outro' é o que chamei e continuarei a chamar de nota. Aqui, nota não designa um tipo de sinal indicador como o substantivo nota significava etimologicamente em latim, mas é um participio, o que é 'noto' (gnoto) em oposição ao que é desconhecido, desde que toda alusão ao conhecer seja eliminada (seria antes o *cognitum*), como saber (que deu origem à noção e à notícia). Você tem que prestar atenção apenas para ser meramente *noto*. Assim, para uma toupeira não há nota cromática; mas para os animais com sentido visual, cor é algo noto. 3º É a força de imposição com que a nota presente na afeição se impõe ao senciente. É exatamente o que o próprio processo de sentir provoca. Em geral, é mais um conjunto de notas do que uma nota isolada. (ESPINOZA, 2001, p. 40).⁸

Espinosa sintetiza de uma forma impar o que é a estrutura formal do sentir que é constituída de seus três elementos. A impressão é antes de tudo afeição pelo que se sente. Aquilo que é sentido imprimir uma certa afeição no apreensor, é o momento em que o senciente “padece” a impressão. Ruiz diz algo mais sobre esse momento: “Este desejo de saber torna-se paixão, isto é: desejo intenso e contínuo, que responde nossa conformação como seres pensantes que abrem o caminho”. (RUIZ, 1998, p. 39).⁹ Essa afeição por assim dizer, não se confunde com o sentimento, mas com um desejo, uma paixão intensa e contínua em ir mais além daquela

⁸ “1º La impresión es ante todo afección del sentiente por lo sentido. Los colores, los sonidos, la temperatura interna del animal, etc. [estas cualidades son ejemplos de notas], afectan al sentiente. 2º Impresión es la presentación de algo otro en afección. Es alteridad en afección. A esto ‘otro’ es a lo que he llamado y continuaré llamando nota. Aquí nota no designa una especie de signo indicador como significó etimológicamente en latín el sustantivo nota, sino que es un participio, lo que está ‘noto’ (gnoto) por oposición a lo que está ignoto, con tal de que se elimine toda alusión al conocer (esto sería más bien lo *cognitum*), como el saber (que dio origen hp a noción y noticia). Hay que atender tan sólo a ser meramente noto. Así, para un topo no hay una nota cromática; pero para los animales con sentido visual el color es algo noto... 3º Es la fuerza de imposición con que la nota presente en la afección se impone al sentiente. Es justo lo que suscita el proceso mismo del sentir. En general se trata más de un conjunto de notas que de una nota aislada”.

⁹ ‘Este afán por conocer llega a ser pasión, es decir: deseo intenso y continuo, que responde a nuestra conformación como seres pensantes abridores de camino’.

impressão que já foi dada. Esse desejo intenso e contínuo se abre aos diferentes modos de impressão. O outro aspecto importante da impressão é o outro, a nota que é notada. Esse outro imprime a impressão de um outro distinto e totalmente independente estabelecendo uma certa independência em relação. O momento da força de imposição é determinada pelo modo como a nota de algo se impõe ao sentiente. Por fim, podemos dizer que o momento de impressão é a estrutura interna da suscitação e que, por sua vez, desencadeia um processo sentiente. Zubiri sintetizando vai dizer a esse respeito:

Definitivamente, a impressão sensível é uma impressão que afeta o sentiente tornando-lhe presente o que impressiona, isto é, uma nota, em formalidade de independência com um conteúdo próprio tanto elementar (uma só nota) quanto complexo (uma constelação de notas). (ZUBIRI, 2011, p. 20).

2 Interface filosófica e teológica no pensamento zubiriano: um desafio a ser abraçado

Do ponto de vista da teologia contemporânea, a novidade filosófica de Zubiri é um marco e um novo viés para a reflexão teológica até então prisioneira dos modelos clássicos escolásticos que tem como ponto de referência a filosofia platônica, aristotélica e a filosofia moderna que tem como ponto de referência Kant, Husserl e Heidegger. A novidade zubiriana consiste justamente em abandonar todas as categorias filosóficas anteriores e criar as suas com conceitos próprios, não somente a sua noção de realidade como vemos acima, mas os conceitos forjados acerca dos momentos estruturais do processo intelectual sentiente em oposição aos conceitos clássicos a inteligência concipiente, conceito próprio da filosofia clássica moderna.

Interessante o que nos diz Aquino acerca dessa possível interface entre os conceitos filosóficos de Zubiri e a teologia contemporânea e como ela pode se servir dos conceitos zubirianos para ampliar e aprofundar sua reflexão em todas as áreas:

Da parte da teologia, não se pode esquecer que ela se constitui em um saber radical ou fundamental, isto é, um saber que se volta para as raízes ou para os fundamentos da realidade que procura entender, qual seja, a presença e a ação salvífica de Deus na história ou a realização histórica do reinado de Deus. Um modo de saber fundamentalmente filosófico, é um modo de saber entre outros. É o que Zubiri chama de razão ou conhecimento: um saber que busca conhecer em profundidade, em sua estrutura fundamental. (AQUINO, 2018, p. 32).

Zubiri oferece para a teologia de “mão beijada” uma via do conhecimento ou uma via teológica para um conhecimento mais radical e aprofundado da estrutura das realidades

humanas em sua constituição estrutural mais radical e o que se pode conhecer e afirmar sobre a mesma. Tanto o objeto da teologia que é Deus como a dimensão teologal do homem tem como ponto de partida a realidade já que a realidade pessoal do homem e a realidade divina estão implantadas na realidade de um modo peculiar (ÁQUINO, 2018, p. 68). Por isso, a filosofia e os conceitos zubirianos podem ser como um farol para a teologia contemporânea. Outro motivo que evoca essa interface é o fato que Zubiri em determinados momentos se ocupou também com a própria teologia fazendo-o assim um teólogo de interfaces. Aquino afirma:

O problema de Deus na vida humana ou o problema teologal do homem é um aspecto fundamental e decisivo da filosofia de Xavier Zubiri. Um dos pontos básicos de seu pensamento é a insistência em “mostrar que existe um problema universal de Deus”, ao qual se pode responder positiva (teísmo), negativa (ateísmo) ou suspensivamente (agnosticismo). E isso, além de ser um assunto com o qual ele se ocupou ao longo da sua vida, é um aspecto essencial e constitutivo de sua reflexão filosófica. (AQUINO, 2018, p. 63).

Por isso, o modo peculiar de Zubiri considerar a realidade como algo sentido e inteligido pode oferecer a teologia contemporânea um novo horizonte. Para ele somente através dos diversos modos do sentir intelectual em seus diversos desdobramentos intelectivos podemos ter uma noção mais real e fidedigna do que a realidade é em si mesma. Isso indica que em cada um dos momentos estruturais do processo senciente intelectual, muito mais que tomada de consciência, termo caro da teologia contemporânea, passa a ser um conhecimento de fato da realidade na qual o homem está implantado. Acredito que a proposta zubiriana vem ao encontro dos anseios de tantos teólogos ao longo da marcha da história, principalmente, em contexto latino-americano como Gustavo Gutiérrez, Leonardo Boff, e os jesuítas como Juan Luis Segundo e Jon Sobrino que sempre tentaram “fugir” de uma reflexão teológica que tratam a dimensão teologal de Deus, do homem e da realidade de forma meramente intelectual deixando de lado toda a dimensão do sentir. Zubiri recupera o todo a partir de um visão unitária. O homem vive, sente e entende cada uma dessas realidades e a si mesmo de uma forma direta, imediata e unitária. (ZUBIRI, 2011, p. 208).

Referências

AQUINO, Junior Francisco de. **Teologia e Filosofia: problemas de fronteira**. São Paulo: Paulinas, 2018.

CALVENTE, Martin Ruiz. El Urfaktum del la intelección sentiente segun Xavier Zubiri: el noema es alter qua realitas. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.2, p 79-82, 1999. Disponível em: < <http://www.zubiri.org/general/xzreview/1999/ruiz1999.htm>>. Acesso em 02 de Setembro. 2021.

ESPINOSA, Ricardo A. Lolas. El logos nominal constructo em el pensamiento de Xavier Zubiri. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.3, p 121-133, 2001. Disponível em: < <http://www.zubiri.org/general/xzreview/2000/pdf/lolas2000.pdf>>. Acesso em 02 de Setembro. 2021.

FLÓREZ, Miguel Cirilo. Razón e Inteligencia en Zubiri. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.1, p 17-21, 1998. Disponível em: < <http://www.zubiri.org/general/xzreview/1998/xzreview1998photo.pdf>>. Acesso em 02 Setembro. 2021.

RUIZ, Basílio Rojo. Sentires, sentido y poesia en Xavier Zubiri. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.1, p 39-47, 1998. Disponível em: < <http://www.zubiri.org/general/xzreview/1998/sentires.html>>. Acesso em 02 de Setembro. 2021.

ZUBIRI, Xavier. **Inteligência e Realidade**. Tradução de Carlos Nougé. São Paulo: É Realizações, 2011.